SABERES ANCESTRAIS NA FILOSOFIA AFRORREFERENCIADA DE DONA TOINHA: ÁGUA PRETA, PERTENCIMENTO, TERRITÓRIO E CUIDADO

Ancestral knowledge in afrorferentiated philosophy from dona Toinha: Água Preta, belonging, territory and care.

Adilbênia Freire Machado[1]

RESUMO

Esse artigo tem o intuito de trazer saberes ancestrais afrorreferenciados tecidos pela voz de Dona Toinha, liderança do Quilombo Água Preta, Tururu – CE. Esses saberes são oriundos de suas escrevivências encruzilhadas com minhas andanças. Escrevivências tecidas por escuta sensível, pela ética do cuidado, relação ancestral com a natureza e o território em um movimento de enraizamento, pertencimento e aquilombamento. Dona Toinha em diálogo com outras vozes nos ensina sobre *adiar o fim do mundo*, sendo ela uma cabaça da existência. Nesse sentido, o texto apresenta-se como perspectiva de descolonização do conhecimento dialogando com as filosofias africanas desde sua diáspora em terras brasileiras.

Palavras-Chave: Dona Toinha. Saberes Ancestrais. Territorialidade. Filosofia Africana. Aquilombamento.

ABSTRACT

This article aims to bring ancestral knowledge afrorreferenced woven by the voice of Dona Toinha, leader of Quilombo Água Preta, Tururu - CE. This knowledge comes from his scribes at the crossroads of my travels. Writings woven by sensitive listening, by the ethics of care, ancestral relationship with nature and territory in a movement of rooting, belonging, and *aquilombamento*. Dona Toinha in dialogue with other voices teaches us about postponing the end of the world, being a gourd of existence. In this sense, the text presents itself as a perspective for the decolonization of knowledge in dialogue with African philosophies since its diaspora in Brazilian lands.

[1] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB – CE. Doutora em Educação (UFC); Mestra em Educação (UFBA); Licenciada e Bacharela em Filosofia (UECE). Núcleo das Africanidades Cearenses (NACE): encantamento, pretagogia, ancestralidade (UFC); Azânia - Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Gêneros, Sexualidades, Religião, Performances e Educação (UNILAB - CE); Rede Africanidades (UFBA); Rede Brasileira de Mulheres Filósofas; AAFROCEL (Academia Afrocearense de Letras); ABPN; AFYL - Brasil. E-mail: adilmachado@yahoo.com.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3226-2139

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Key-Words: Dona Toinha. Ancestral Knowledge. Territoriality. African Philosophy. Aquilombamento.

ESCREVIVÊNCIAS DE ABERTURA[2]

"Pés descalços em contato com a terra sagrada..."

(Aidil Lima)

Esse pequeno ensaio tem o intuito de tecer, brevemente, bordados em torno de saberes oriundos das escrevivências afrorreferenciadas tecidas pelas trilhas de Dona Toinha encruzilhadas com meu caminhar... A ancestralidade africana nos ensina que só existimos em comunidade, de modo coletivo e em relação com a natureza, pois somos parte da natureza e sem ela não existimos. E é essa vivência comunitária entrelaçada com a natureza e a ancestralidade que bordará as trilhas ancestrais filosóficas tecidas em uma comunidade quilombola desde/com uma grande mulher, liderança do Quilombo Água Preta que fica na zona rural de Tururu, cidade município de Itapipoca – CE...

Falar de filosofias africanas, de filosofias africanas tecidas desde sua ancestralidade na/da diáspora, desde o encantamento, desde uma perspectiva filosófica africano-brasileira é discorrer desde nosso modo próprio de filosofar, de construir reflexões críticas desde nossas experiências, nossas vivências em um solo tecido pela relação ancestral com o continente africano que construiu esse país. É compreender essas epistemologias como descolonizadoras, desde a percepção comunitária, aquilombadas que constituem espaços orgânicos de organização, resistência, valorização, promoção e celebração da vida, pois, como disse Vanda Machado (2017) em uma com-versa na cozinha de sua casa em Salvador: "quilombo é o lugar onde foi inventada a liberdade brasileira". É onde continuamos a potencializar nossos modos de

[2] Esse texto é oriundo da tese de doutorado intitulada "Saberes Ancestrais Femininos na Filosofia Africana: Poéticas de Encantamento para Metodologias e Currículos Afrorreferenciados", Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. 2019. 268p.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

estar no mundo de forma justa. Como nos ensina a filósofa Lorena Oliveira (2020):

> Esses territórios são a maior referência de agência política, manutenção e valoração à vida, à ancestralidade e à liberdade. Há nele, e na política advinda desde esses territórios, uma energia que nos sustenta. Um poder! Uma rota de fuga sempre traçada. Um som que ecoa em nossos ouvidos nos recordando que: é pra frente e só pra frente que iremos, pois somos o êxito da nossa linhagem. A maior demonstração que sabemos fazer política, pois só assim pudemos nos mantermos vivas e vivos!

Potencialização da vida, do bem viver, encantamento! Desse modo, disputamos, epistemologicamente, ao dizermos filosofia africana, a própria humanidade das pessoas africanas e de sua diáspora que por tanto tempo foram, e ainda são, negadas (MACHADO, 2019a). Nesse sentido, nesses espaços aquilombados, sabemos que as mulheres são grandes mantenedoras e potencializadoras das tradições culturais e espirituais africanas em terras brasileiras, além de serem as grandes representantes da vida, da existência, do axé, ou seja, a energia e o poder que nos sustenta e nos leva pra frente, sempre!

Os espaços de aquilombamento são aqueles lugares tecidos por nosso cotidiano, onde crescemos,

> são lugares do cotidiano que fortalecem nossa ancestralidade e potencializam nossas escrevivências, pulsadas por nossas experiências. Aprendizados diversos, comunitários, também tecidos por portas fechadas, portas abertas, janelas abertas, fechadas, entreabertas, pelas andanças e aprendizados com nossas mais velhas... A ancestralidade abre as portas/janelas da/para nossa existência... e no seu próprio tempo, pois tudo tem o seu próprio tempo! (MACHADO, 2019, p. 244).

As filosofias africanas presentes nos aquilombamentos implicam-se na construção de um lugar tecido pela ética do cuidado, enraizamento, pertencimento, escuta sensível, ancestral, cura, assim, são espaços educativos que mantém nossas tradições e culturas, transmitindo e preservando nossas memórias ancestrais, nossas práticas de solidariedade, de cuidado, de respeito à natureza, às pessoas mais velhas, de respeito pela espiritualidade e religiões diversas, cura pela terra, pelas plantas, pela natureza, pelo cuidado, afeto...

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Assim, bordo esse texto desde as encruzilhadas dos terreiros que teceram e tecem a minha existência, lugar onde nasci, lugares onde cresci, onde aprendo, onde sou. Encruzilhadas que tecem as escrevivências das experiências do meu caminhar.

Desse modo, escreviveremos desde cosmopercepções africanas tecidas em territórios quilombolas, especificamente no Quilombo de Água Preta. Essas escrevivências serão tecidas pela voz de uma de suas grandes lideranças: Dona Toinha!

O conceito *escrevivência* tece bordados, costuras, desenhos, pinturas crocheteando nossos próprios modos de contar / criar / produzir histórias, modos de filosofar delineados pelos saberes gerados desde / com nossas vivências – experiências, desde corpos produtores de sentidos e conhecimentos. Portanto, é um conceito gerador, multi-transdisciplinar, interseccional, pois que é filosófico, histórico, literário, metodológico, geográfico, territorial, é diverso, plural, feminino. Segundo sua geradora, Conceição Evaristo,

> Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. **E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não.** Por isso, afirmo: **"a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos"**. Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. (2020, pp. 30-31).

Escrevivência é um conceito forjado nas lutas de resistências e reexistências, fundamentalmente de mulheres negras, é conceito bordado desde a ética do cuidado, de valorização e potência da vida, de libertação e emancipação, é ancestral. É escuta sensível, ou seja, a abertura para conhecer, sentir, perceber a outra pessoa, inclusive as diversas pessoas que há em

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

nós, delineando uma escuta afetiva e efetiva, por isso também é ancestral, é escuta da nossa intimidade, da nossa ancestralidade. Ouvir/sentir nossa intimidade é o feminino tecendo poéticas de potencialização da vida.

Conceição Evaristo (*apud* CANOFRE, 2018) diz que o conceito escrevivência "parte muito daquilo que eu conheço das mulheres negras, daquilo que eu sou", parte de modos de ser/estar no mundo. Assim, é um projeto estético tecido pelos saberes afrorreferenciados, também de descolonização da linguagem e de apropriação de nossas palavras, pois "vai ligar com o desejo de lidar com outras palavras. Eu quero levar para o texto literário palavras bantas, ditados, uma outra compreensão, uma outra maneira de se postar no mundo" (Ibid).

Das tessituras encantadas, Conceição Evaristo ensina:

> tudo que escrevo, crítica, ensaio, escrita literária, toda minha criação surge marcada pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. As escolhas temáticas, o vocabulário, as personagens, os modos de construção das mesmas, o enredo, **nada nasce imune ao que sou, às minhas experiências, à minha vivência.** Escrevo uma vivência, que pode ser ou não, a real, a vivida por mim, mas que pode se con(fundir) com a minha. (EVARISTO, 2017, p. 07, grifo meu).

Nossas escrevivências são chamados para refletirmos acerca de nossas vivências e assim transformá-las em experiências. Refletir é ouvir/perceber/sentir nossos sentidos, ouvir nossa intimidade, sabendo que nossos aprendizados nunca são individuais, mas coletivos, pois só existimos em comunidade, portanto, os aprendizados delineados pelas escutas sensíveis são permeados por nossas subjetividades, porém tecido pela comunidade onde somos/estamos. Assim, o trançado das escrevivências de Dona Toinha e as minhas, desenhadas pela ancestralidade africana são perpassadas pelos nossos terreiros, pelos terreiros que habitamos e que nos habitam. Esses terreiros são espaços que nos integram com a natureza e a comunidade, em um tempo outro, onde ralamos joelhos, aprendemos a vida, a viver... São os terreiros de quem mora no interior, no sertão, em quilombos, assentamentos, em comunidades indígenas... Nossos espaços de resistências, re-existências, cuidados, potencialização da vida, fortalecimento de nosso estar no mundo desde os saberes ancestrais africanos.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

DONA TOINHA, UMA MULHER *ADIANDO* O FIM DO MUNDO OU UMA CABAÇA DA EXISTÊNCIA

> Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo[a]. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade.
>
> *(Neusa Santos Souza)*

Os saberes ancestrais africanos são um convite, um chamado a nos definirmos desde nosso chão de pertencimento, assim, desde nossas culturas e territorialidades. Katherine Bankole (2009, p. 258), afirma que"as mulheres africanas possuíam [possuem] um aguçado sentido de valor próprio. A necessidade de reconstruir o legado da mulher negra provém de séculos de desvalorização e da literatura que as definiu como vítimas". Portanto, o convite faz da necessidade de reconstruirmos nosso legado, escrevermos (reescrevermos) nossas histórias, pois, como nos ensina um *Provérbio Africano:* "enquanto os caçadores contarem as histórias os leões serão sempre os vencidos".

O convite à reconstrução de nossos legados e, assim, à reescrita de nossa história perpassa à construção epistemológica crítica desde/com o caráter humanista da feminilidade africana, desenhado por tradições ancestrais de cuidado, afeto, respeito e potencialização de nosso estar no mundo. Portanto, contar nossas histórias têm um papel estruturante, pois que "as mulheres africanas são humanizadas por meio das histórias por elas contadas, que têm como foco todos os aspectos de sua existência" (Ibid). Escrevivências bordadas pela escuta de nossas ancestrais, fortalecendo nosso estar no mundo que resiste e se forja

> lutando com experiências profundamente racistas e sexistas. As mulheres levantaram sua voz quando puderam, definindo liberdades fora dos contextos de raça, gênero e classe. Para isso empregaram a ação direta, a palavra e o silêncio como armas alternativas ou integradas. (BANKOLE, 2009, p. 273).

Somos tecidas pela complementariedade, por uma espiritualidade comunitária, como o desejo último de promover justiça social: "as mulheres africanas observaram uma teoria afrocêntrica da libertação que impulsionou

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

seu senso de dever perante a comunidade e orientou as suas ideias sobre feminilidade e a explicação de suas próprias experiências históricas" (Ibid). Os saberes ancestrais femininos são implicados em "servir a comunidade a fim de atingir a liberdade e melhorar a qualidade de vida da população negra" (BANKOLE, 2009, p. 273-274), servir e não servidão. Ancestralidade, comunitarismo, encantamento! A feminilidade feminina[3] tece perspectivas de justiça social e potencialização de nossos saberes/viveres!

Ouvir o feminino que nos habita é estruturante para potencializar nosso estar no mundo, nos fortalecer ante um mundo tão machista, patriarcal, feminicida… Nesse sentido, trago a voz de Dona Toinha, seus saberes ancestrais e suas práxis políticas de potencialização da vida, de libertação e justiça.

Dona Toinha se apresenta assim: "Eu sou Antônia Lopes de Lima, nasci em 27 de Março de 1960 e tenho 6 filhos, cinco mulheres e um homem" (Com-versa, 17 de agosto de 2019). Ela diz que sempre criou seu filho homem para saber se cuidar, cuidar de uma casa e não achar que são as mulheres as responsáveis por cuidar da casa, dos filhos, que esses são trabalhos de todos… Assim, ela lembra como seu pai gostava de cozinhar, mesmo tendo várias filhas em casa e por isso sofria preconceito por cozinhar, vez ou outra era ele que cozinhava e o fazia por puro prazer. Em 2011 concluiu o curso de Letras, aos 51 anos de idade. Isso mostra a sua busca por conhecimento em uma caminhada pautada pelos saberes ancestrais das pessoas mais velhas, saber das memórias, do cultivar conhecimentos e florescer para toda a comunidade.

É uma mulher de memórias e com suas muitas andanças conseguiu criar um museu em sua comunidade, com intuito de não deixar a história, a memória da comunidade Água Preta "morrer". Ela conta que ao buscar objetos antigos pedindo às pessoas da comunidade, essas chegaram a rir e dizerem que ela estava "ficando doida", que "coisa velha não tem valor". Sendo uma mulher de memórias, ela busca continuamente vitalizar e fortale-

[3] Sobonfu Somé (2003, p. 48) afirma que "ser mulher não significa que a pessoa não tem nada a ver com a energia masculina. Da mesma forma, ser homem não quer dizer que a pessoa não tem nada a ver com o feminino. Vaginas e pênis não são as únicas coisas que definem nossa natureza sexual. Nossa vida é influenciada pela presença, dentro de nós, das energias masculina e feminina. É importante que essas energias estejam em harmonia dentro de nós". Portanto, aqui nos referimos ao feminino que tece a feminilidade das mulheres.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

cer a memória comunitária de Água Preta, a sua ancestralidade e, assim, promover tessituras de encantamento e de pertencimento ao lugar que habitam, à sua história. E assim, conseguiu montar o museu de sua comunidade.

Sabemos, dialogando com Ailton Krenak (2019, p. 26), que

> Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dança, de cantar.

Alimentar nossa memória, ouvir/viver/sentir nossa ancestralidade é alimentar "o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar", de criar, de plantar, de colher, de fazer chover, de fazer sol, de desejar, de amar, de ser de corpo inteiro, é descolonizar! Como diz Ailton Krenak (Ibid, p. 27), a humanidade atual, marcada pelo capitalismo, pelo consumismo, nos ensina a não tolerar a potencialização da vida, "pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos" (Ibid).

Dona Toinha conta e re-conta histórias das suas mais velhas, da sua comunidade, inventando modos de encantá-la para fortalecer seu pertencimento e não esquecer suas origens, inventando modos de sonhar. Assim, intenta manter viva a história do seu lugar, mais que isso, inspira e impõe o sonhar como verbo de ação para transform*ação,* encantamento. Ao contar a história da comunidade ela começa dizendo sobre a história do nome da comunidade, ela nos diz:

> Esse nome Água Preta, segundo os mais velhos é porque em uma seca que teve no ano de 1915 as cacimbas secaram e eles, os mais velhos, começaram a procurar lugar que pudesse ter água. Então, eles saíram naquela direção da serra, segundo eles, os mais velhos, com um galho de goiabeira. Aí onde eles encontraram, onde eles viram que tinha água lá no pé da serra, ai eles lá começaram a cavar e quando descobriu a água o buraco já tava muito fundo e devido a profundidade a água parecia escura, aí eles disseram que era bom chamar de "Água Escura", mas ai depois eles disseram: não, não dá certo, nós somos pretos, então, vamos chamar de Água Preta. E assim ficou. E quando foi em 2010, quando a gente assumiu a Associação eu resolvi procurar esse lugar, aí fui. [...] Ai mostraram onde era a cacimba, hoje ela não tem mais água. Na época eu ainda estava em sala de aula, ai eu levei um aluno que sabia desenhar muito bem e ele fez o desenho do lugar lá, da cacimba, ao lado tem um cajueiro que já deitou no chão, mas continua vivo. Ai a gente fez o desenho e virou a logomarca da Associação. Na época, as pessoas para pegar água elas desciam por um pau grosso, que eles

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

> chamavam de escada, e com a mão ela segura a cabaça e com a outra a escada. Na época as pessoas colocavam a água em cabaça. (COM-VERSA em 24 de Junho de 2018).

LOGOMARCA DE ÁGUA PRETA
Fonte: Arquivo da Autora.

A história contada por Dona Toinha aponta para a relação ancestral na construção da comunidade, desde a escolha do próprio nome. Aponta encantamento pela história, pela negritude das tessituras do lugar. Traz a relação direta com a filosofia africana de tecer desde seu lugar de origem, o chão de suas raízes fincadas, dizer da sua relação com a natureza e as pessoas, dizer de sua comunidade, de sua ancestralidade, tecendo-se e tecendo desde/com o pertencimento e o encantamento, ou seja, sua implicação ética, política, estética, ancestral com seu estar no mundo. Cabaça da existência que na cabeça carrega água para alimentar, banhar, cuidar, florescer, limpar, criar… Dona Toinha é mulher que adia o fim do mundo, é cabaça da existência, é centro da terra, ela enraíza, é enraizamento, pois, como nos ensina Rebeca Meijer (2012, p. 34),

> enraizar-se é deixar-se atravessar pelos corpos-raízes da [cosmopercepção] africana no Brasil [...]. A raiz tem movimento [...]. O enraizamento é flexível, descontínuo e histórico e acontece à medida que a vida vai sendo devorada pelo tempo.

Retorno às nossas origens é olhar para nossas raízes em um movimento de expansão e profundidade, numa relação com o passado que possibilita não apenas o presente, mas também o futuro.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Pertencimento, Natureza, Ética do Cuidado e Território: aquilombamento

Ao contar sobre si, sobre sua comunidade, Dona Toinha enfatiza a importância da relação pertencimento, de cuidado e escuta da natureza, do tempo, da ancestralidade. Pertencimento é construção, formação e escuta, descoberta do que está inscrito em nosso íntimo, é ouvir o ritmo de nossos corações como nos ensina Sobonfu Somé (2003). É entender nosso eu interior e compreender o mundo, a vida desde esse pertencimento que é coletivo, enraizado, pois a natureza nos permite ser quem realmente somos. Assim, definimos nossa existência pelo comunitarismo e pela justiça social, nessa relação ancestral de enraizamento, pois

> a terra, a água, a natureza são manifestações de princípios ancestrais construtores dos seres humanos. **A terra é mãe, é mulher, é generosa, é sedutora.** A terra se enfeita e se aquece, se oferece para receber a chuva, sêmen que molha e deixa exalar um cheiro de vida. A terra é viva e abre suas entranhas para receber novas sementes, novas folhas, novos frutos. A terra é próspera. **A terra é sagrada.** Cada pedaço de terra, por menor que seja, por certo é uma síntese do mundo, uma referência de vida, assim como a água. (MACHADO, 2013, p. 78, grifos meus).

Somos seres sagradas, pois somos tecidas pela ancestralidade, pela natureza, assim, é fundante que estejamos sempre em contato com a terra, fincando nossos pés, enraizando… é sagrado ouvir a nossa natureza, a nossa ancestralidade! Assim, seguiremos as escrevivências de Dona Toinha aprendendo sobre natureza, ética do cuidado e território.

Natureza

Em uma noite balançando na rede e conversando com Dona Toinha sobre espiritualidade falei que percebia, sempre que ia à Água Preta, uma ligação cada vez mais forte dela com suas plantas, com a natureza, e entendia isso como a relação dela com a espiritualidade, ela afirmou positivamente. Então, perguntei: "o que é a natureza para a senhora"?

> É tudo. Primeiro Deus, segundo a natureza. Eu aprendi, desde pequena, com meu pai e minha mãe, era assim: só levava a gente para o médico quando era uma doença em que eles faziam o chá, faziam o banho, fazia tudo e não dava jeito, não ficava boa, então eles levavam para o médico. Mas, qualquer doença, não! Era tudo do mato mesmo. E eu me acostumei. Lá de baixo dos cajueiros eu te-

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

> nho plantado mastruz, eu tenho colônia, tem arruda, a única coisa que não pegou lá foi a malva, malvarisco que a gente chama. Eu tenho hortelã, tenho alfavaca, tem o manjericão que eu não perco por nada. (COM-VERSA, 17 de agosto de 2019).

O relato de Dona Toinha lembra minha infância no meu sertão... Ter as plantas como cura é nosso cotidiano, os chás, os banhos... A natureza é a nossa cura. Dona Toinha, diz mais:

> Natureza é vida mesmo. Natureza é tudo o que a gente precisa para viver, sem a natureza a gente não consegue... tem o ar que respiramos, tem a água que vem da terra, as plantas, as plantas medicinais que a gente usa para fazer remédio. [...] tudo meu era remédio caseiro [...] e eu aconselho as pessoas também a usarem remédios caseiros. (Ibid).

A natureza é a ancestralidade que nos habita, é o feminino em nós, estações que possibilitam a vida. Os saberes ancestrais femininos nos chamam a ouvir essa natureza em nós. Sem a natureza não existimos, sem ela não há vida. A seguir trago um poema/chamado da natureza tecido pela voz da ancestral moçambicana Paulina Chiziane (2018, p. 111-112):

CHORO DA NATUREZA

I
Mayombe. Amazônia
Heroicos sobreviventes da tirania do mundo
Florestas maiores, altares criados por Deus
Para a diversidade da natureza

E onde estão as outras florestas?
Foram destruídas. Assassinadas. Substituídas
Os altares naturais deram lugar às florestas comerciais
Desgraça. O planeta devastado chora lágrimas de fogo

II
Chamaram-nos selvagens porque vivíamos com a natureza
E para mostrar que somos civilizados destruímos florestas
Construímos cidades de pedra e as chuvas fugiram para longe
Poluímos a pureza do céu e a brancura das estrelas

III
A árvore que cortas vem dos céus, é árvore de Deus
Tal como tu, recebeu a bênção da vida do Supremo Criador
Essa árvore que decepas traz a beleza à tua alma
Conviva com ela porque cuida de ti e de todas as aves do céu
O animal que matas nas caçadas é de Deus, vem dos céus
Como tu, também recebeu a vida do mesmo Criador

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

> Esse animal que matas traz o equilíbrio ao mundo
> Conviva com ele porque cuida de ti e de toda a natureza

Ética do Cuidado

Dona Toinha, numa bela manhã de domingo, em um passeio por lugares encantados do Quilombo Água Preta, após plantarmos um **Baobá**, levou-me até um lugar muito especial, onde me mostrou grande e *velho* cajueiro, sustentado por outras árvores. Ficamos conversando sobre aquele lugar e sobre o cajueiro especial, quando ela falou sobre um grande ensinamento que ele nos dá:

> Eu acho que essa árvore, que esse cajueiro, nos dá um exemplo tão grande: que é o valor do abraço, o valor que tem o abraço, a importância que tem o abraço e que muitas vezes nós não nos preocupamos com isso, acha que isso é besteira. [...] A gente precisa abraçar e ser abraçado. (COM-VERSAS, 18 de agosto de 2019).

Dona Toinha, usando o abraço de outras árvores no *velho,* nos ensina a importância do afeto, do abraço, do cuidado, da escuta sensível, de perceber as outras pessoas... Talvez esses tempos *pandêmicos* estejam nos ensinando, de forma dolorosa, sobre a importância do abraço. Dona Toinha conta que o território que abriga o *cajueiro do abraço* é sagrado para ela e para a comunidade. Da sua relação com o lugar relata que é para onde vai quando está triste, quando precisa se ouvir, resolver alguém problema... Lá ela escuta sua intimidade, a ancestralidade e os encantos da natureza, afirma que não vê, mas sente a presença e de algum modo escuta os sopros ancestrais e encontra as respostas que foi buscar. Esse lugar é um espaço de aquilombamento, território que a alimenta, fortalece e guia. A ancestralidade guia, cuida, cura... A natureza nos sustenta, fortalecendo nossas raízes, nos enraizando.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

DONA TOINHA E O CAJUEIRO DO ABRAÇO
Fonte: Arquivo da Autora

Naquela manhã de domingo, enquanto dialogávamos, sentíamos o cajueiro, suas rugas, seus abraços, em silêncio pedíamos suas bênçãos e sabedoria para seguirmos nossos caminhos pautados na ética do cuidado, da ancestralidade. As árvores têm histórias, carregam saberes ancestrais, Eduardo Oliveira (2007, p. 70-71) nos diz que:

> A pele do tronco é, na verdade, sua alma. Toda a antiguidade de um troco está nos caminhos (in)visíveis de seu corpo. Ao pousar a mão levemente sobre sua superfície e escorregá-la como quem faz um carinho poder-se-á sentir toda a irregularidade de um tronco. Eles jamais são lineares. São resultados de muitas dobras. Pequenas dobras de celulose que se avolumam sobre outras camadas de celulose. Uma dobra de um tronco é um universo escondido que esconde outros universos. Não há padrão! Elas – as dobras – seguem caminhos próprios e desenham a própria face da diversidade. A rugosidade dos troncos é um encontro de dobras. (OLIVEIRA, 2007, p. 70-71).

Aquela conversa fora rendada por trocas de escuta e afeto, bordada pela ética do cuidado, cuidados ancestrais, aprendizados tecidos em nossas próprias dobras, dobras do tempo, do feminino ancestral que crocheteiam nossas existências. Poéticas do cuidado, de valorização, percepção e respeito por nossa diversidade, pela natureza, as territorialidades, o espaço e o tempo. As dobras daquele *velho* cajueiro,

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

> São dobras do tempo no corpo de um vegetal. Ou, melhor ainda, é o corpo do vegetal tecendo o tempo do tempo. Em cada microcavidade está a paciência de um ponto do tempo, como fazem idosas senhoras ao delinearem seus pontos de tricô, crochê ou rendas. Cada nódulo de tronco é o resultado de um nódulo de tempo. Um a um são pacientemente tecidos na superfície majestosa dos troncos. No conjunto formam um mosaico de nódulos e trilhas microscópicas que dão a exata medida da tessitura do tempo. Tempo profundo, denso, rugoso. (Ibid).

Tempo profundo é o tempo da descolonização, tempo contínuo, íntimo, rente à pele, tenso, denso, diário... A descolonização é processo diário e contínuo de valorização e defesa da vida, de todas elas. É o conhecimento das dobras do nosso tempo, das histórias não contadas sobre o quão grandiosa é a cultura africana. Essa descolonização é epistêmica, também, pois é necessário mudar o paradigma do pensar, assim, não podemos seguir com as epistemologias, os conceitos ocidentais como fundantes na construção de nosso pensamento, do nosso conhecimento, de nossas escritas, de nossos currículos, metodologias. Ela também é cultural, psíquica... é o que lemos, como lemos, como escrevemos, como falamos... ela perpassa todas as áreas de nossa vida, é um processo diário de destruição do patriarcado, portanto, do racismo, do sexismo, do capitalismo doente e destruidor.

As diferentes linguagens são colonizadas, é necessário trabalho diário para descolonizar. Nesse sentido, nossas escritas denunciam e anunciam boas novas, apresenta-se como instrumento de luta, de combate! É fundante compreendemos que o que lemos, pesquisamos, escrevemos são atos de resistências, de re-existências, nossas escrevivências aquilombadas, implicadas na ética, estética e políticas do bem-viver, de justiça social, cultural, epistemológica. Poéticas do Bem-Viver! Portanto, a descolonização das linguagens implica numa luta contra o patriarcado, a colonização que normaliza hierarquias, violências, epistemicídio, machismo, genocídio. Grada Kilomba (2019, p. 14, grifo da autora) nos ensina que:

> A língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar, perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é *normal* e de que é que pode representar a *verdadeira condição humana.*

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Portanto, a pluriversalidade que demarca o pensamento afrorreferenciado implica-se, também, na desconstrução da linguagem colonial e sua potencialização de sua diversidade, da multiplicidade, das dobras que ela nos possibilita, dobras essas bordadas nas dobras múltiplas de nossos corpos, da nossa criticidade e capacidade transgressora.

Audre Lorde (2006, p. 87), nos diz que "às vezes temos o privilégio de escolher a hora, o local e a forma da nossa revolução. Mas comumente precisamos lutar onde quer que estejamos". Essa é a realidade do povo preto. Mas, que lutemos, porém com amor como ação (hooks, 2006) de resistência, de re-existência, de potência criativa da vida, de encantamento, em um mundo que tem uma política de morte nos aniquilando continuamente. Amor como ética do cuidado, resistência criativa, oriundo do encantamento e fortalecimento de nosso pertencimento. Acredito, parafraseando bell hooks (2006, p. 197), que se escolhemos dedicar nossas vidas a luta contra a opressão, estamos ajudando a transformar o mundo em um lugar onde gostaríamos de viver, bem-viver, em um lugar onde todas as pessoas, seus saberes e culturas sejam valorizadas. Implicando-se em uma cura pessoal e coletiva, pois que a cura pessoal é, também, social, coletiva.

Dona Toinha ensina e aprende a transgredir (hooks, 2017) diariamente a colonialidade que perpassa nosso cotidiano ao resistir e re-existir desde uma relação de cuidado com a natureza ancestral, com a memória que tece não apenas o Quilombo Água Preta, mas a própria existência preta no mundo.

Território

Território para além do lugar onde habitamos, principalmente o lugar que tece nossos aprendizados, nossos saberes comunitários, é o tempo em que vivemos, as tessituras dos quilombo-afetos fortalecendo nosso pertencimento e o pertencimento do próprio lugar. Dona Toinha ensina:

> Olha, tem gente que acha que território é um terreno, é um espaço que cabe muita gente que dê para as pessoas morarem, trabalhar, mas não é só isso. Para mim não é só isso! **Espaço e território é tudo aquilo que a gente precisa vivenciar.** Não sei como, mas eu entendo que seja isso, que a gente precisa tá vivenciando. É saber, por exemplo, saber um pouco, tá vivenciando um pouco das histó-

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

> rias dos nossos antepassados, também, porque faz parte da história, faz parte daquele território e se a gente pensar bem direitinho, **território é muito mais do que isso, não é terra, não é terreno, é tudo aquilo que a gente precisa tá vivenciando, tá lembrando, tá resgatando.** É o que faz parte da nossa história dos nossos ancestrais, dos nossos antepassados. Não é fácil, a gente não sabe explicar, eu não sei. (COM-VERSA, 17 de agosto de 2019, grifos meus).

Alex Ratts também diz:

> Território não se reduz à terra ocupada, mas abrange também o espaço apropriado pelo grupo. Inclui um repertório de lugares de importância simbólica, [...] onde residiram antepassados, porções de terras perdidas [...]: lugares que são acessados por meio de viagens, notícias, lembranças, saudades. (RATTS, 2015, p. 113).

Nossos corpos são territórios ancestrais, são nossos corpos que tecem as territorialidades, assim, Dona Toinha tece suas territorialidades e a da sua comunidade desde seus saberes ancestrais que a implicam como uma mulher que potencializa os saberes locais, que ensina e fortalece o pertencimento não apenas das pessoas mais novas, como também das pessoas mais velhas que constituem a comunidade Água Preta, desse modo, implica-se em transformar realidades por meio da escuta sensível, do respeito às pessoas mais velhas, às pessoas mais novas, às sabedorias ancestrais, pois compreende e tece territorialidades bordas pela ancestralidade, pelo encantamento:

> Eu, vem cada coisa aqui [aponta a cabeça e o coração] que eu não entendo, tem coisa que se aproxima um pouquinho, mas entender, entender não. Mas sei que existe, eu não duvido, eu acredito, eu sei que a gente precisa fazer um trabalho de resgate, de aprofundar. A gente precisa aprofundar esse conhecimento, que aqui a gente quase não tem. Quando a gente tenta buscar esse conhecimento precisa ter um pouco de força, de coragem... (COM-VERSA, 17 de agosto de 2019).

Natureza, tempo, território/espaço se entrelaçam tecendo as territorialidades que habitamos e que nos habitam, por isso ouvir nossa intimidade é fundante para nos fortalecer na compreensão desses entrelaçamentos, fortalecer nossos corpos, pois que

> corpo é uma anterioridade frente ao espaço e ao tempo. O tempo, como coisa, é um corpo dilatado e o espaço, como lugar, é um corpo difuso. O corpo social, de outra feita, é um corpo compacto e difuso ao mesmo tempo. Assim, todo e qualquer corpo é uma anteri-

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

> oridade em relação à relação com o mundo. Existir é relacionar-se, e os relacionamentos não se dão no vazio do nada, mas através de corpos que preenchem o corpo do espaço e o escorrer do tempo corporal. Não se prescinde do corpo, nem como coisa, nem como ideia, nem como palavra. (OLIVEIRA, 2007, p. 102).

Eduardo Oliveira (Ibid, p. 104) ainda nos ensina que "antes do tempo e do espaço há o corpo. O tempo e o espaço são corpo". O espaço não é vazio é bordado por pelo visível habitado por nós e pelo invisível que nos habita.

Já dissemos que sem a natureza não somos, nesse sentido, compreendemos que tempo, corpo, espaço são as territorialidades que nos constitui. Nossos corpos são territórios de resistências e re-existências. O tempo traça nosso caminhar, nossas andanças, tece as ventanias de nosso ser, encruzilhando encantos / encontros. O tempo é dono de Si, por isso é mistério, Dona Toinha (17 de Agosto de 2019) diz: "Tem coisas que só o tempo para explicar. Sem palavras, mas a gente acaba entendendo". Nossa caminhada é encruzilhada pelo entrelaçamento da natureza, do tempo e das territorialidades, como se fossem a mesma coisa, mas cada um com suas funções, como nos ensina Dona Toinha: "Tempo, Território e Natureza é a mesma coisa, mas cada um tem a sua importância. É a mesma coisa? É. Mas, cada um tem a sua função" (Ibid).

IN-CONCLUSÕES – Aprendizados e cuidados ancestrais

> Sagrado é a escuta de nós mesm[a]s, [da ancestralidade] que nos habita...
>
> *(Somé)*

Nossas escrevivências tecem os aprendizados ancestrais que emergem de culturas plurais, orgânicas, que tem o ser humano e a natureza como fonte, como caminho. Esses aprendizados são orientados por princípios comunitários, coletivos, horizontais, tecidos pela ancestralidade e pelo encantamento, tecidos pela arte do aprender/ensinar/criar/gerar/ filosofar e suas semeaduras. Encruzilhadas que entrelaçam nossos sentidos, o aprender, compartilhar saberes como movimentos de curas, pois, como nos ensina Makota Valdina Pinto (2018a):

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

> **A gente vive o tempo todo num processo de autocura e interagindo com o outro. Curando e sendo curado**. Então, quando se joga capoeira, quando se dança o candomblé, quando se dança o samba a gente tá interagindo e a gente está segurando, esse é um processo de cura. A gente, mesmo que a gente diga assim: ah, estou saudável, não preciso de médico, mas a gente tá doente porque a gente vive num ambiente doente. Todo ambiente que tem injustiça, que tem discriminação, que tem exclusão é um ambiente doente. O mundo é doente. O mundo é doente quando não agrega, quando poucos têm muito e muitos têm nada. Isso é doença, isso é desequilíbrio, isso é a falta do equilíbrio do *Kalunga*...

A cura é comunitária! Pois, **"uma pessoa, não é só uma pessoa, aquela pessoa tem de história, de ancestralidade, de tudo que vem até chegar naquela pessoa"** (PINTO, 2018a, grifos meus). Nossa existência só faz sentido em comunidade:

> **Não sou eu, não é você, é algo que transcende** a mim, a você. Eles estão aqui presente, essa minha ancestralidade que eu tenho preservada está aqui comigo. Mas, está aqui (no espaço), você não vê, eu não vejo, não toca, mas eles estão presente hoje, da mesma maneira que há séculos atrás. Eu acredito! (Ibid).

Eu acredito! Acredite! Ouvir nossa ancestralidade é um ato de cura e cuidado cotidiano... é preciso silenciar e ouvir / sentir os sopros ancestrais. Caminhar em sintonia com nossa ancestralidade nos ensina e nos fortalece nas lutas de resistências e re-existências. Makota Valdina Pinto (2018a) nos diz:

> Eu acho que a grande ameaça é a constante e as diferentes formas que ao longo dos séculos vem se expressando no sentido de fazer com que extermine a essência africana na humanidade, mas eles esquecem que com todos os trejeitos e jeitos que tem como ameaça de extensão disso tem algo que transcende o *muntu, os bantus* e faz aqui ali, acolá como que elos sejam reatados, embora alguém venha e parte o elo. O elo pode estar partido visivelmente, mas invisivelmente o elo é inquebrável e podem existir n meios, que eu não sei quantos e nem quais, mas que faz com que *muntus* reatem e formem novos elos nesse plano que a gente vive, contrapondo a essas ameaças. Nós somos ameaçados, mas cada vez que dois se juntam começa um elo inquebrantável. Eu acredito! É uma grande ameaça sim, mas a gente não tem que temer essas ameaças e deixar de criar os nossos jeitos que só nós podemos encontrá-los, ainda que não tenham em livros, ainda que não falem, ainda que nos neguem, a gente descobre. *Nzambi e os inquices* põem em nosso caminho.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Nossa existência é tecida pelo visível e o invisível, este nos aponta os caminhos, encruzilha... Na perspectiva africana é sempre mais importante o que somos e não o que temos, pois

> quando você envereda pelo caminho de ter coisas, você é muito empobrecido do seu ser e quando tem ausência do ser, tem a ausência do autoconhecimento, da humildade, não da humilhação, mas da humildade de você ser grande sabendo ser pequeno. Eu, a minha máxima para a minha vida, porque **eu aprendi que só se é realmente grande é quando você sabe ser sempre pequeno**, você nunca tá no mais, quando você tá no mais você não presta para a vida, você tem, mas tem alguma coisa a mais, poderá ou não alcançar, mas sabendo que tem sempre algo mais e que diante do tudo e do todo, que pra mim é *Nzambi*, só ele é o tudo e o todo, ou ela, porque a gente sempre fala ele, de repente é ela [risada gostosa]. Isso é a visão ocidental, de repente não é ele e nem ela, é! É o mistério. [...] vive mal quem não acredita em mistério... Ciência para mim já era, ciência tem que explicar tudo, tem coisas que você acredita ou então já era. **A vida é um mistério. Viver é um constante mistério e cada um tem que descobrir o seu mistério do seu viver. Quando você começa a pensar nisso já é alguma coisa**, já é alguma coisa. (PINTO, 2018b, grifos meus).

O mistério tece nossas existências e encanta. O encantamento nos aponta os mistérios da vida, dá sentido, nos implica com a construção de mundos melhores, nos ensina a sermos pequenas. O mistério ensina a ser de corpo inteiro, a saber que nunca sabemos tudo sobre todas as coisas, ensina que sempre podemos aprender e nos melhorarmos como pessoas. O encantamento dá sentido à ancestralidade que nos habita, é a teia que nos liga ao cosmo, dá sentido à própria existência.

As filosofias africanas, afrorreferenciadas ensinam que as sabedorias ancestrais nos guiam para a cura e potencialização de uma sociedade tecidas pela equidade, pelo respeito à diversidade. Orienta e fortalece na luta contra o racismo, o sexismo, as injustiças e exclusões que perpassam nossa existência.

As escrevivências filosóficas desde os saberes ancestrais femininos são tessituras que fortalecem nossa ancestralidade, nos encantam e nos implicam na transformação desse mundo, no questionamento e desconstrução da naturalização da branquidade, universalização do pensamento ocidental e privilégio masculino.

As filosofias africanas são perpassadas pela ética do cuidado *ou uma poética de encantamento* por serem filosofias do sentir, do enraizamento, do

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

chão, do aprender nas esteiras de nossas andanças, essas que são tecidas pelas pessoas e "as coisas" com as quais encruzilhamos, é relação desde/com a natureza, é implicação com o enraizar e o transfor-Amar, este que é ato de resistência e espiritualidade, em tempos de pandemia e pandemônios amar é um ato de resistência e transform*ação*. Amor como potência para o bem viver, portanto, amor ancestral, encantado!

Venho pensando as filosofias africanas desde uma abordagem plural onde privilegio o feminino, numa perspectiva de igualdade de direitos, numa perceptiva de saída de uma hierarquia machista, masculina, branco-cêntrica, patriarcal. Femininos plurais, pois somos diversas. Feminino como útero do mundo (MACHADO, 2020). Esse feminino habita todas as pessoas, entretanto, aqui escolho o feminino que tece e é tecido pelas mulheres negras.

Sabemos que a luta do povo negro é diária, cotidiana. Lutamos não apenas para nos mantermos vivas, assim como para garantir nossa humanidade, nossos direitos, valorização e respeito por nossas culturas. E nessa a participação das mulheres negras é fundante, pois a mulher negra é:

> Um feixe de possibilidades e de força criativa, terra fértil que guarda a semente pronta para germinar, como a vida que se espalha, em plenitude total e dinamismo incessante, oriunda de nossos antepassados, que a receberam de Olorun Deus supremo – para a comunicar e defender. É o direito de ser, de deixar de ser, consciência plena de cada um, do outro, de suas raízes e de sua história. (THEODORO, 1996, p. 142).

As mulheres negras são grandes guardiãs da ancestralidade, transmissoras de nossos valores e saberes, elo de preservação e potencialização de nossos saberes, nossas culturas e tradições. As sabedorias ancestrais femininas tecidas em nossas escrevivências propõem que cada uma de nós se responsabilize e se autorize a reescrever nossas histórias, reconstruí-las, continuar suas tessituras, contar sobre nós desde nós mesmas. Autorização a apresentar, rendar, bordar, crochetear, anunciar nossos saberes, nossas tradições e culturas, anunciando. São tessituras de resistência, de re-existência, origem, construções, desconstruções, transições, transformações, encantamento delineados pelo tempo, pela natureza e suas estações, territorialidades que potencializam o ser/estar no mundo!

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Paulina Chiziane (2016, p. 08), compara a mulher a terra, tecendo bordados da ancestralidade com a natureza, pois a terra "é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ele é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra".

Os saberes ancestrais na filosofia afrorreferenciada de Dona Toinha é tecido pelo feminino útero do mundo, portanto, implicado com o enraizamento que fortalece nosso pertencimento, que nos entende território, chão, natureza, cuidado... São saberes ancestrais e encantados, saber adubo, semente, cabaça, útero, água... Saber preto aquilombado!

Eu-Mulher[4]

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo

Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
motor-contínuo
do mundo.

Recebido em 15/12/2020 e aprovado em 07/03/2021

REFERÊNCIAS

[4] Conceição Evaristo, *Poemas da Recordação e outros movimentos,* 2017.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

BANKOLE, Katherine. Mulheres africanas nos Estados Unidos. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: uma* abordagem *epistemológica inovadora.* São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4).

CANOFRE, Fernanda. Entrevista - Conceição Evaristo: 'Falar sobre preconceito racial no Brasil é derrubar o mito de democracia racial'.Sul21, 2018. Disponível em:https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/conceicao-evaristo-falar-sobre-preconceito-racial-no-brasil-e-derrubar-o-mito-de-democracia-racial/. Acesso: 05 maio de 2018.

CHIZIANE, Paulina. *O canto dos escravizados.* Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

CHIZIANE, Paulina. *Eu, mulher... por uma nova visão de mundo*. 2 ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs). Escrevivência, a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

_____. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONCA, Maisa; WHITE, Evelyn C (Orgs). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano.* Tradução: Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo.* 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LORDE, Audre. Vivendo com câncer. In: WERNECK, Jurema; MENDONCA, Maisa; WHITE, Evelyn C (Orgs). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe.* 2. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia Africana e Saberes Ancestrais Femininos: útero do mundo. *Le Monde Diplomatique – Brasil*. Disponível em: https://diplomatique.org.br/filosofia-africana-e-saberes-ancestrais-femininos-utero-do-mundo/. Acesso em 03 de Novembro de 2020.

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

MACHADO, Adilbênia Freire. *Saberes Ancestrais Femininos na Filosofia Africana: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados.* Tese (Doutorado em Educação), 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. *Filosofia Africana: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades.* Fortaleza: Imprece, 2019a.

MACHADO, Vanda. *Prosa de Nagô: educando pela cultura.* 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2017.

MACHADO, Vanda. *Pele da Cor da Noite.* Salvador: EDUFBA, 2013.

OLIVEIRA, Eduardo David de. *Filosofia da ancestralidade:* corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Lorena Silva. Filosofia Política Preta: o que zumbi e outrxs quilombistas tem a nos dizer?. *Le Monde Diplomatique – Brasil*, 2020. Disponível em: https://diplomatique.org.br/o-que-zumbi-e-outrxs-quilombistas-tem-a-nos-dizer/?fbclid=IwAR32iE0Yu1mQ7gN3bB2x5Agle1XXKwLH-mf9xul3YpEd7mWbq2awD8Z8LJBE. Acesso em 10 de novembro de 2020.

RATTS, Alex. Percursos e territórios negros / quilombolas: introdução a uma pesquisa no Ceará. In: ALVES, Maria Kellynia Farias; MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT, Sandra Haydée (Orgs). *Memórias de Baobá II.* Fortaleza: Imprece, 2015.

SOMÉ, Sobonfu. *O Espírito da Intimidade:* ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. SP: Odysseus Editora, 2003.

THEODORO, Helena. *Mito e Espiritualidade:* mulheres negras. Rio de Janeiro: Pallas, ed., 1996.

FONTES ORAIS

DONA TOINHA. *Com-versas. Entrevista realizada em Água Preta*, 17 e 18 de Agosto de 2010.

VANDA MACHADO. *Com-versas na Cozinha.* Entrevista (com-versa) realizada em Salvador, 27 de Setembro de 2017.

PINTO, Makota Valdina. *TPSM_Conexão | Professora Valdina Pinto "MAKOTA":* O elo inquebrável, Viver e ser, 2018a. Vide: https://www.youtube.com/watch?v=ButRXLqFqnw&t=444s

PINTO, Makota Valdina. *TPSM_Conexão| Professora Valdina Pinto "MAKOTA":* Livros humanos, 2018b. Vide: https://www.youtube.com/watch?v=eqQ2cAeYmSY

Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.